

## **Lindolf Bell, (1962 a 1998), um intelectual da fronteira no movimento de popularização da cultura escrita**

*Fabricio Adriano<sup>i</sup>*

**Resumo:** O artigo trata dos usos das categorias de análise do campo das culturas políticas e sociabilidades na pesquisa sobre o poeta catarinense Lindolfo Bell, entendido aqui como um intelectual mediador da fronteira. O presente texto esboça algumas reflexões teóricas desenvolvidas a partir de minha tese de doutorado ainda em andamento. Discorre-se também sobre os conflitos entre história e biografia e como as sociabilidades podem ser melhor compreendidas nos jogos de escalas. Estes temas são elucidados através do diálogo com autores do campo da história política e autores que conceituam o campo da cultura política.

**Palavras-chave:** Lindolf Bell; Culturas Políticas e Sociabilidades; Jogos de escala.

---

<sup>i</sup> Doutorando pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). E-mail: [fadriano.blu@gmail.com](mailto:fadriano.blu@gmail.com). Orcid. 0000-0002-3286-1695.

Lindolf Bell, (1962 a 1998), um intelectual da fronteira no movimento de popularização da cultura escrita

ADRIANO, F.

## **Lindolf Bell, (1962 to 1998), a frontier intellectual in the movement to popularize written culture**

**Abstract:** The article deals with the uses of analytical categories in the field of political cultures and sociability in research on the Santa Catarina poet Lindolfo Bell, understood here as an intellectual mediator of the border. This text outlines some theoretical reflections developed from my doctoral thesis still in progress. It also discusses the conflicts between history and biography and how sociability can be better understood in scale games. These themes are elucidated through dialogue with authors in the field of political history and authors who conceptualize the field of political culture.

**Keywords:** Lindolph Bell; Political Cultures and Sociability; Ecale games.

## Introdução

O poeta catarinense Lindolf Bell tem sua trajetória de vida marcada pelas incongruências em relação a seus posicionamentos políticos. A análise de sua biografia não permite associá-lo ao progressismo ou ao conservadorismo político. O exame de sua condição econômica e de seus modos de vida não o caracterizam como um burguês e nem como popular.

Em seus poemas expressou o sentimento de traição em relação ao Golpe de 1964, a crítica à narrativa que exclui os indígenas da história do Vale do Itajaí, mas também alimentou uma autoimagem características das narrativas clássicas sobre os imigrantes do Vale em que estes eram representados como dedicados trabalhadores, descendentes da Europa civilizada<sup>I</sup>. Em suas relações sociais aproximou-se de artistas das mais diversas áreas, com posicionamentos políticos bastante diversos e, circulava bem entre todos.

Casou-se com a filha de um tradicional casal de empresários do Brasil. Foi representante do Brasil em diferentes programas e eventos internacionais de literatura nos Estados Unidos, em Cuba, na Colômbia. Na década de 1950 serviu à polícia do exército e, em suas narrativas, sempre destacou este período de modo positivo. Participou de movimentos culturais que buscavam a popularização das artes, da poesia, dizia que o lugar do poema “era onde ele pudesse inquietar”<sup>II</sup>. Escolheu voltar para a cidade de nascimento no final de sua carreira. Deixou registrado seu desejo de transformar a casa que herdara de seus pais em um centro de divulgação cultural, mais do que isto, queria fazer de Timbó a cidade da poesia<sup>III</sup>.

Em muitas das memórias populares o poeta é lembrado pelas festas que organizava e pela facilidade de dialogar com diferentes públicos. Entre os críticos literários há aqueles que divergem em relação à qualidade de sua produção literária e a seu real protagonismo nos movimentos em que participou<sup>IV</sup>. Diante do

exposto, pergunto-me: É possível definir Lindolf Bell como um intelectual? Lindolf Bell era um intelectual de fronteira? Em que redes de sociabilidade Lindolf Bell estava inserido? Quais são as concepções políticas destas redes? Em se tratando da trajetória de um poeta: Como construir uma narrativa histórica que não se proponha a disputa pelo passado?

A busca de possíveis respostas a estas questões será realizada através do diálogo com autores do campo da história política e das sociabilidades, como por exemplo, Rebeca Gontijo. Também se torna fundamental a articulação com autores que conceituam o próprio campo da cultura política como Reinaldo Lindolfo Lohn e Serge Berstein. Para pensar na categoria de intelectual as referências são diversas, entre elas Jean-François Sirinelli, Pierre Rosanvallon e Eric Hobsbawm. Pierre Bourdieu é o teórico que referencio para procurar me distanciar da noção de biografia, tão próxima e presente nos trabalhos historiográficos que se dedicam sobre a trajetória de intelectuais. O jogo de escalas, a partir das definições de Jean-François Sirinelli, será apresentado como uma possível ferramenta para superar a análise biográfica.

O propósito do artigo não será o de enquadrar o autor em uma categoria, mas fazer a leitura do sujeito histórico a partir de diferentes categorias. Se de um lado, tentar confinar Lindolf Bell a um determinado posicionamento político pode caracterizar uma violência contra o sujeito da pesquisa, por outro, aceitar suas memórias pura e simplesmente como narrativa histórica é abrir mão do ofício do historiador e render-se ao trabalho do memorialista.

No presente texto o objetivo é caracterizar as categorias de análise utilizadas na pesquisa que desenvolvo atualmente sobre o poeta. Proponho também discorrer sobre a escolha por evitar o uso da categoria identidade e, a partir disso, construir um caminho que distancie o trabalho da concepção de narrativa biográfica e o consolide em narrativa histórica. Portanto, aqui, a pretensão maior é

elucidar algumas categorias e conceitos conforme o campo da história política, de modo que possibilitem a abordagem do sujeito da pesquisa.

O tempo da pesquisa é limitado pelo tempo de uma vida, neste caso, a data de início poderia ser a data de nascimento do poeta. Mas, como estou analisando a vida intelectual de um determinado personagem, é preferível relacionar o início desta vida ao início de suas publicações. É esta a escolha que faço e, portanto, o ano de 1962 marca o ano da primeira publicação em forma de livro de Lindolf Bell, intitulada; *“Os Póstumos e as Profecias”*. Escolher como data de início da pesquisa a data da primeira publicação do poeta implica na própria definição de intelectual, relacionada diretamente à necessidade de circulação de ideias. Assim, para o intelectual, não basta escrever, já que a acepção de intelectual passa também pela circulação de ideias, imersas em um ou vários contextos políticos. Diante disso, não é satisfatório apenas mapear as ações políticas do sujeito pesquisado, mas será preciso também compreender os exercícios que ele fez para que suas ideias pudessem circular, as formas como elas circularam e, se possível, suas reverberações diante de seus interlocutores. O ano de 1998 marca o fim da trajetória do poeta em vida.

### **Por que analisar a trajetória intelectual a partir do campo das culturas políticas?**

A história política passou por diferentes ressignificações ao longo do tempo. Para bem situar este campo utilizo a definição de campo político como código cultural elaborada por Reinaldo Lindolfo Lohn;

*Uma História do campo político como código cultural, percebendo-o tal como é vivenciado de modos muito diferenciados por atores históricos e trajetórias individuais e coletivas que formam redes de sociabilidades passíveis de serem mapeadas, envolvendo diferentes classes sociais, grupos e minorias, bem como noções como honra, família, convivialidade, relações pessoais e contratuais.<sup>v</sup>*

Essa noção de campo político possibilita ampliar o entendimento de política para além das esferas do poder de Estado. Assim, a política pode passar a ser compreendida através das relações dos diferentes sujeitos em seu cotidiano. É nesse espaço que podemos melhor compreender a figura de um intelectual de forma não sacralizada. Desta forma, para entender o político, é preciso compreender os movimentos do autor, sujeito da pesquisa, seus percursos, seus confrontos, suas sociabilidades. “É sempre na situação de posto à prova que se pode decifrar o político”<sup>VI</sup>.

A definição de campo político como código cultural serve também para melhor equacionar o tempo do político. Ele deixa de restringir-se apenas aos acontecimentos que tratam da história do Estado e se amplia pelo movimento cotidiano da sociedade. Aqui, o tempo político perpassa sujeitos, mas não se confina nas cercanias do indivíduo, porque o político é o tempo do indivíduo em ação. A ação é a condição que expande a experiência política do tempo. O tempo “curto” de uma vida se amplia quando observado nas redes de sociabilidade. “É preciso insistir nisto: a história política foi acusada de ser uma história um pouco ‘curta,’ de folego curto porque restrita a relatar os atos dos poderosos e das elites e de visão curta por se inserir quase consubstancial e exclusivamente na temporalidade do acontecimento”<sup>VII</sup>.

Se o tempo do político está conectado à ação, logo ele também pode constituir-se em uma armadilha para a narrativa historiográfica, e, ao invés de dinamizá-la, retirar dela o sentido. Fatos não acomodados são mais difíceis de serem interpretados, podendo transformar o trabalho do historiador em exercício de previsão futura do passado. “A abertura aqui é quase orgânica, mas deixa intacta esta questão essencial: a partir de que prazo essa praia cronológica está suficientemente estabilizada para fazer parte do campo de visão do

historiador?”<sup>viii</sup>. Novamente a resposta pode estar no movimento e na forma como este movimento conduz a ação política que se dá através de um constante vai e vem entre os diferentes indivíduos. O deslocamento é a estabilidade, já que se deslocar é também estar no sentido de alguma direção. É quase senso comum afirmar que mesmo as estruturas mais sólidas se movimentam. Portanto, interpretar o movimento é estar aberto a compreender as diferentes direções a que ele pode nos levar.

No campo político as percepções não se dão somente a partir dos indivíduos, mesmo que eles sejam o fio condutor de uma narrativa. As culturas políticas, como afirma Eliane Regina de Freitas Dutra citando Serge Berstein, são coletivas.

*Afinal, são grupos inteiros que “partilham postulados, grades de leitura, interpretações, proposições; utilizam-se de um mesmo tipo de discurso; se alinham com os mesmos símbolos; participam dos mesmos ritos”; e atendem às convocações do passado no coração da atualidade. Dessa forma, as culturas políticas facultam a definição de formas de pertencimento político e podem conduzir à criação de profundas solidariedades.<sup>ix</sup>*

Lindolf Bell viveu o tempo da imprensa tipográfica, logo viveu outra forma de propagação das ideias, bastante diferente do contexto atual imerso no universo digital. Em um tempo em que a circulação das ideias dependia diretamente da materialidade dos impressos ou, no mínimo, de se estar na presença do outro, pode se supor que as solidariedades eram condicionantes da existência do intelectual.

A circulação dos impressos, a divulgação das ideias neles materializadas, através das redes de sociabilidades, representam uma parte importante do espaço social do intelectual. “O conhecimento torna-se então uma forma de ação, que torna o trabalho intelectual per si uma forma de prática política”<sup>x</sup>. Por isso o

campo político, entendido como código cultural, consolida-se como a melhor opção para a compreensão da sociabilidade intelectual. Assim, “compreender as redes de relação entre indivíduos ajuda a destrinchar o clima cultural em meio ao qual circulam temas e se difundem normas e valores, que favorecem a sensibilidade necessária para a recepção de ideias e a adoção de comportamentos”<sup>xi</sup>.

### **O poeta é um intelectual na fronteira?**

Quem talvez melhor defina o intelectual é a análise historiográfica, já que ele por si só, mesmo que se nomeie como tal, sempre depende do reconhecimento historiográfico. As características de um vir a ser intelectual, são, ao menos em parte, estabelecidas pelo olhar do historiador sobre a trajetória de um indivíduo. O biógrafo até pode alça-lo ao referido patamar, mas a sua sustentação como tal depende da narrativa histórica.

É claro que a definição clássica de Eric Hobsbawm que aloca os intelectuais diretamente no campo da escrita é bastante válida, e não podemos esquecer dela. “Poderia uma função social para os intelectuais – quer dizer, poderiam os próprios intelectuais – ter existido antes da invenção da escrita? Dificilmente”<sup>xii</sup>. Mas, isto não significa afirmar que todo aquele que desenvolve a escrita é um intelectual. Principalmente a partir do final do século XIX com a popularização das práticas de leitura e escrita no mundo.

Para Eric Hobsbawm o que marca a intelectualidade do século XX é seu engajamento político. Contudo, ainda no final desse século, após o fim da Guerra Fria, este engajamento já não seria mais característico. “Essa era do intelectual como a principal face pública de oposição política recuou para o passado”<sup>xiii</sup>. Para o autor a “sociedade da informação” criou uma demanda econômica por inteligência que afastou os intelectuais de seu engajamento político.

A escuta e a circulação das ideias de Lindolf Bell ganham publicidade justamente neste período. A ascensão e consolidação intelectual de Lindolf Bell se dá em um período de transição da função intelectual. Assim, pode-se questionar; que lugar pode habitar Lindolf Bell dentro do campo político? Talvez, o fato de o autor ter vivido em um tempo de transição da função intelectual pode o ter deslocado para a fronteira. Fronteiras, entendidas aqui, como uma construção social e histórica.

*São processos social e historicamente - vale dizer, simbolicamente - produzidos. Devem ser concebidas mais como abertura e atualidade, do que como dado ou acabamento. Fronteiras são sítios da exacerbação e do excesso, onde limites são ultrapassados, novas dimensões descobertas, e reordenamentos encaminhados. Por isto, são espaços de ruptura e conflito: ambientes de extremidade, crista e culminação. Elaboram originalidade pela via da multiplicação da experiência.<sup>XIV</sup>*

Para muitos a fronteira poderia ser o lugar do não político, haja visto que supostamente seria o lugar das indefinições, onde os sujeitos históricos se submeteriam a quaisquer concepções para se manterem em seu lugar social. Entretanto, isto não ocorre porque a cultura política se impregna no indivíduo.

*Essencialmente pelo fato de que, se em sua origem ela é resultado de uma aprendizagem e de múltiplas experiências, ela tira sua força, uma vez adquirida, de um fenômeno de interiorização (...). Nesse estágio, a cultura política se acha interiorizada, passa a fazer parte do ser, advém de uma profunda adesão e reage a um acontecimento de maneira quase automática.<sup>XV</sup>*

É justamente este conjunto de aprendizados, denominado de cultura política, que garante a manutenção do indivíduo dentro de um status social, ou, a superação deste, que permite a vida dos sujeitos na fronteira. A fronteira é o lugar onde a cultura política se manifesta em suas diferentes formas. Intelectuais e

artistas, de modo geral, estão no entremeio das dimensões das culturas políticas e das sociabilidades e este pode ser um outro fator que os coloque na fronteira.

### **Os conflitos entre a história e a biografia**

No livro *Democracia Contra Capitalismo: a renovação do materialismo histórico*, Ellen Meiksins Wood (2006) crítica o conceito de identidade e o contrapõe a importância do conceito de classe. Para a autora; “As relações sociais do capitalismo se dissolveram numa pluralidade fragmentada e desestruturada de identidades e diferenças”<sup>xvi</sup>. Neste sentido a identidade<sup>xvii</sup> é um daqueles conceitos incorporados pelo capitalismo liberal e por sua concepção de democracia baseada na emancipação dos sujeitos e na igualdade das diversidades.

*Mas se emancipação e democracia exigem a celebração de "identidade" num caso, e sua supressão em outro, isso certamente já é suficiente para sugerir que algumas diferenças importantes estão sendo ocultadas numa categoria abrangente que se propõe a cobrir fenômenos sociais muito diferentes, como classe, gênero, sexualidade ou etnicidade.*<sup>xviii</sup>

Não tenho aqui a pretensão de aprofundar, ao menos por ora, a importância do conceito de classe, apenas pretendo apontar a fragilidade do conceito de identidade para justificar a opção por refutá-lo quando ele aparece conectado a figura de Lindolf Bell. Em muitos documentos, relatos biográficos, matérias jornalísticas, a etnicidade germânica do autor, sob o aspecto do seu corpo, de sua base cultural, de seu lugar de origem, é enaltecida como forma de justificar o sucesso de seu trabalho. Nesta perspectiva estas informações não caracterizam necessariamente o sujeito da pesquisa, elas simbolizam um tipo de narrativa, que mesmo baseada em argumentos frágeis, estão constantemente presentes nos relatos biográficos sobre esse autor. Portanto, ao refutar o conceito de identidade não estou simplesmente optando por deixar de utilizá-lo enquanto categoria

analítica, mais do que isso, estou tentando compreender os impactos das narrativas já construídas a respeito do autor sob este prisma e como elas contribuíram para aloca-lo em determinados campos sociais.

Lindolf Bell nega em seus escritos a associação a partidos, causas ou credos, mas aceita, ou não percebe como limites, os elementos que o caracterizam em sua etnicidade. Quando Lindolf Bell vai à rua popularizar a literatura, como era a intenção do movimento *Catequese Poética*, ele quer ser apenas o poeta, ele não é o povo, mas também não se associa a uma classe dominante. Ele busca um universo específico, o literário. Como se este universo abarcasse diferentes mundos, nos quais são faladas todas as línguas e se converse com todas as classes. Em um texto publicado na abertura do livro *"Catequese Poética: Antologia"*, Lindolf Bell afirma: "O Poeta é a peça que falta, aparentemente, na engrenagem social. Está de tal forma inerido que se confunde com a engrenagem total, sem filiar-se em particular a nenhuma suborganização da organização social (partidos, credos, causas, etc)"<sup>xix</sup>. Aqui pode se perceber o ideal romântico da literatura que vê na ficção uma arte universal.

Em contrapartida a esta busca pelo não lugar, ou o lugar universal, desejo expresso nos textos, a apresentação biográfica do autor sempre procura defini-lo, caracterizando sua origem. Isso pode ser observado na pequena nota biográfica que abre as páginas onde são apresentados seus poemas, no livro já aqui referenciado. "Foi lavrador, professor, jornalista, soldado da polícia do exército, contabilista"<sup>xx</sup>. A nota biográfica pretende demarcar um percurso transcorrido por um corpo específico identificando-o a partir de uma trajetória de vida. Neste exercício, aparentemente despretensioso, a biografia sintonizada a identidade vai definindo um personagem em plena ascensão social, onde a história de sua vida, apresentada através de uma perspectiva de tempo linear, vai ganhando coerência na narrativa.

O historiador deve ter cuidado com as narrativas biográficas, em muitos casos ao narrar trajetórias de vida ele acaba as produzindo, mesmo que não tenha sido esta sua intencionalidade original.

*Produzir uma história de vida, tratar a vida como uma história, isto é, como uma narrativa coerente de uma sequência significativa e coordenada de eventos, talvez seja ceder a uma ilusão retórica, a uma representação comum da existência, que toda uma tradição literária não deixou e não deixa de reforçar.<sup>XXI</sup>*

Não quero aqui, de forma alguma desqualificar o trabalho do biógrafo, apenas pretendo estabelecer as limitações deste ofício em relação ao do historiador. Biógrafo e historiador têm, no mínimo, pretensões diferentes, mesmo que ambos possam fazer usos das mesmas fontes. Por exemplo, a memória, por si só, para o historiador não representa a história enquanto que para o biógrafo a descrição da memória do biografado pode bastar, assumindo um caráter de verdade. Este conflito pode até ser melhor elucidado a partir das afirmações do historiador Marcos Napolitano. “A história e memória podem lutar contra o esquecimento, o negacionismo e o trauma, mas sem seguir os mesmos procedimentos ou partir das mesmas premissas epistemológicas”<sup>XXII</sup>. É possível afirmar que entre o historiador e o biógrafo a também a intenção de luta contra o esquecimento, o negacionismo ou o trauma, mas a partir de premissas epistemológicas completamente diferentes. Utilizar os relatos biográficos como fonte de pesquisa caracteriza um exercício possível, mas isto não nos leva a escrita biográfica.

### **As sociabilidades dentro do jogo das escalas**

Como o político e o cultural se entrelaçam no intelectual? Início este subtítulo com esta pergunta para tratar das múltiplas faces do sujeito histórico e para

afirmar que ele não é uno é sempre múltiplo. O sujeito da pesquisa é ao mesmo tempo ágora<sup>XXIII</sup>, cidade e mundo. Ele se encontra justamente nesta intersecção de escalas.

Para Rebeca Gontijo,

*investigar as sociabilidades significa seguir a trajetória de indivíduos e grupos buscando mapear suas ideias, tradições, comportamentos e formas de organização, de modo que seja possível caracterizar e compreender seus esforços de reunião e de afirmação de identidades em determinados momentos.*<sup>XXIV</sup>

O jogo de escalas serve para a observação destas variáveis do sujeito histórico no tempo, e no espaço. “Ora, no cruzamento do interesse pelo individual e pelo coletivo, pelo singular e pelo geral encontra-se notadamente a história política”<sup>XXV</sup>.

Lindolf Bell não assume o papel político de sua arte, mas os demais escritores que compõem seu grupo assumem como podemos perceber no relato do escritor e poeta Rubens Jardim, um dos membros do movimento da *Catequese Poética*. “Acreditamos ainda que a arte, não pode ser dissociada do sistema social. Deve associar-se a ele, conscientemente, numa tentativa progressiva de transformá-lo”<sup>XXVI</sup>. Esse simples exemplo evidencia como o jogo de escalas é fundamental para mostrar as contradições, reconsiderar os protagonismos e compreender as tensões.

O tempo, percebido através do jogo de escalas, torna mais evidente as camadas das temporalidades passadas nas quais estão imersos os sujeitos históricos. Essas temporalidades também compõem as sociabilidades e podem evidenciar os diferentes cruzamentos do político. “A história política tem a ver também com uma escala móvel do tempo (...). Um objeto político deve sempre ser

apreendido no cruzamento de várias temporalidades, e deve, por isso, conhecer uma segunda abertura de natureza temporal<sup>XXVII</sup>.

O sujeito político também precisa ser apreendido nas diferentes escalas do espaço. Novamente volto aos componentes biográficos de Lindolf Bell para criar possíveis elucidações, mesmo que ainda no campo da suposição, sobre essa afirmação. Lindolf Bell precisou deslocar-se espacialmente de Timbó para Blumenau, depois de Blumenau para o Rio de Janeiro e por fim até São Paulo, a grande vitrine da cultura brasileira até os dias de hoje, para atingir seu objetivo de ser um poeta reconhecido pelo público em geral e de levar sua poesia a “onde ela pudesse inquietar”. Em diferentes espaços ele passou a ser percebido de diferentes formas, na volta para Santa Catarina foi em Blumenau que ele teve maior atuação e prestígio. Em Timbó, sua cidade natal, o reconhecimento de seu trabalho está atrelado aos esforços da administração municipal e dos familiares junto ao Museu Casa do Poeta Lindolf Bell, local em que funciona um Centro de Memória, com o intuito de preservar sua memória.

### **Considerações**

A abordagem conceitual e categórica proposta neste texto tem como objetivo analisar as sociabilidades do poeta catarinense Lindolf Bell em uma pesquisa ainda em andamento. Por isso as suposições e as possibilidades permeiam as afirmações. Procurei evitar conclusão prévias a respeito do sujeito da pesquisa. Faço isso por entender que tal proposição depende de maior investigação sobre as fontes. Este embasamento pode, inclusive, desconstruir referidas proposições.

O uso do jogo das escalas, em suas dimensões espaciais, temporais e do sujeito, possibilita ao historiador do político desenvolver sua pesquisa a partir de diferentes perspectivas entre o individual e o coletivo, o micro espaço e o macro, a

ágora, a cidade, o mundo. Ao observar a dimensão temporal, a partir de diferentes escalas, compreende-se melhor as distintas camadas que compõem as temporalidades. Perceber o espaço e o tempo em suas diferentes temporalidades significa ampliar a compreensão sobre o sujeito da narrativa. Do mesmo modo, possibilita ao historiador abordar os sujeitos e suas sociabilidades através da história.

Concluo que a narrativa de uma trajetória intelectual não precisa se confundir com biografia. O campo do político e das sociabilidades abre outros caminhos para a construção da narrativa historiográfica. As definições em torno do que seria o intelectual colocam o sujeito da pesquisa diretamente no espaço das tensões políticas. As tensões, por sua vez, tendem a levar a transformações. Tensões e transformações são as substâncias mais presentes na fronteira. Indícios, nada mais, observados através da compreensão de um campo, seus conceitos e categorias.

## Notas

<sup>I</sup> Entre os diferentes livros publicados pelo autor pode-se consultar: BELL, Lindolf. **O Código Das Águas**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2001.

<sup>II</sup> BELL, Lindolf, JARDIM, Rubens, MATTOS, Luiz Carlos (org.). **Catequese Poética**: Antologia N° 1. São Paulo: Editora Ítalo-Latino-Americana Palma, 1968, p. 11.

<sup>III</sup> Para informações biográficas do autor consultar: TONKZAK, Maria J. **Lindolf Bell e a Catequese Poética**. Florianópolis: Imprensa oficial do estado de Santa Catarina, 1978. FRANCINE, Helen. **Quixote Catarinense**: onde se conta sobre a trajetória e algumas batalhas do poeta catarinense Lindolf Bell. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.

<sup>IV</sup> Sobre a crítica literária a obra de Lindolfo Bell ver: MOISÉS, Carlos Felipe. **Balaio**: alguns poetas da Geração 60 & arredores. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2012.

<sup>V</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. Reflexões sobre a História do Tempo Presente: uma história do vivido. In: REIS, Thiago Siqueira et al. Organizadores. **Coleção História do Tempo Presente**: volume 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, p. 14-17.

<sup>VI</sup> ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010, p. 87.

<sup>VII</sup> SIRINELLI, Jean François. **Abrir a história**: novos olhares sobre o século XX francês. Belo Horizonte: Autêntica, 2014, p. 119.

<sup>VIII</sup> Ibid, p. 122.

- <sup>ix</sup> DUTRA, Eliane R. de Freitas. História e culturas políticas. Definições, usos e genealogias. **Varia História**. n. 28, p. 13-28, 2002, p. 27.
- <sup>x</sup> ROSANVALLON, op. cit., 2010, p. 55.
- <sup>xi</sup> GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOHIET, Raquel et al (Org). **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 259-284, 278.
- <sup>xii</sup> HOBBSAWM, Eric. **Tempos fraturados**: cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013, p. 226-227, p. 226.
- <sup>xiii</sup> Ibid, p. 287.
- <sup>xiv</sup> DUARTE, Luís Sérgio. O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy. **Textos de História**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v. 13 n. 1-2, 2005, p. 19, 20.
- <sup>xv</sup> BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al (Orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 29-46, p. 42-43.
- <sup>xvi</sup> WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2006, p.222.
- <sup>xvii</sup> A este respeito é importante deixar claro que a autora não se opõe a diversidade. “Nenhum socialista duvida da importância da diversidade ou da multiplicidade de opressões que precisam ser abolidas” (Wood, 2006, 220).
- <sup>xviii</sup> Ibid, p.221.
- <sup>xix</sup> BELL, op. cit, 1968, p. 15-16.
- <sup>xx</sup> Ibid, p. 18.
- <sup>xxi</sup> BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus Editora, 1996, p.76.
- <sup>xxii</sup> NAPOLITANO, Marcos. Desafios para a história nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus. **História: Questões & Debates**, v. 68, n. 1, p. 18-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67794>.
- <sup>xxiii</sup> Utilizo o sentido de ágora atribuído por Jean-François Sirinelli. “Por uma convenção de vocabulário, propomos aqui chamar ágora o lugar da troca e da deliberação políticas” (2014, p. 107).
- <sup>xxiv</sup> GONTIJO, Op. Cit., 2005, p. 277.
- <sup>xxv</sup> SIRINELLI, Op. Cit., 2014, p. 106.
- <sup>xxvi</sup> BELL, Op. Cit., 1968, p. 9-10.
- <sup>xxvii</sup> SIRINELLI, Op. Cit., 2014, p. 114.

## Referências

BELL, Lindolf. **O Código Das Águas**. 5ª ed. São Paulo: Global, 2001.

BELL, Lindolf, JARDIM, Rubens, MATTOS, Luiz Carlos (Org.). **Catequese Poética**: Antologia n.º 1. São Paulo: Editora Ítalo-Latino-Americana Palma, 1968.

---

BERSTEIN, Serge. Culturas políticas e historiografia. In: AZEVEDO, Cecília et al (Orgs.). **Cultura política, memória e historiografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2009, p. 29-46.

BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**: sobre a teoria da ação. São Paulo: Papirus Editora, 1996.

DUARTE, Luís Sérgio. O conceito de fronteira em Deleuze e Sarduy. **Textos de História**. Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB, v. 13 n. 1-2, 2005, p. 19, 20. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/textos/article/view/27875> Acesso em 03 de set. 2024.

DUTRA, Eliane R. de Freitas. História e culturas políticas. Definições, usos e genealogias. **Varia História**. n. 28, p. 13-28, 2002. Disponível em: <https://www.variahistoria.org/edies/i7oJy5jmj6wfwqvjbp6updit8d6my5> Acesso em 03 set. 2024.

FRANCINE, Helen. **Quixote Catarinense**: onde se conta sobre a trajetória e algumas batalhas do poeta catarinense Lindolf Bell. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.

GONTIJO, Rebeca. História, cultura, política e sociabilidade intelectual. In: SOHIET, Raquel et al (Org). **Culturas políticas**: ensaios de história cultural, história política e ensino de história. Rio de Janeiro: Mauad, 2005, p. 259-284.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos fraturados**: cultura e sociedade no século XX. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Reflexões sobre a História do Tempo Presente: uma história do vivido. In: REIS, Thiago Siqueira et al. (Org). **Coleção História do Tempo Presente**: volume 1. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019, p. 14-17.

NAPOLITANO, Marcos. Desafios para a história nas encruzilhadas da memória: entre traumas e tabus. História: **Questões & Debates**, v. 68, n. 1, p. 18-56, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/67794>. Acesso em 03 de set. 2024.

MOISÉS, Carlos Felipe. **Balaio**: alguns poetas da Geração 60 & arredores. Santa Catarina: Letras Contemporâneas, 2012.

ROSANVALLON, Pierre. **Por uma história do político**. São Paulo: Alameda, 2010.

---

SIRINELLI, Jean François. **Abrir a história**: novos olhares sobre o século XX francês. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

TONKZAK, Maria J. **Lindolf Bell e a Catequese Poética**. Florianópolis: Imprensa oficial do estado de Santa Catarina, 1978.

WOOD, Ellen Meiksins. **Democracia contra capitalismo**: a renovação do materialismo histórico. São Paulo: Boitempo, 2006.

*Recebido: 10/07/2024*  
*Aprovado: 03/09/2024*  
*Publicado: 17/09/2024*